

As viagens de descobertas e a expansão dos domínios portugueses



ARMADA de Pedro Álvares Cabral. Em memória das Armadas. [ca.1568]. Academia de Ciências de Lisboa.
 MIRANDA, Joaquim José de. **A expedição do tenente-coronel Afonso Botelho e Souza aos sertões do Tibagi.** 1771-1773. 1 parte dos quarenta episódios que compõem o painel aquarela, color., 42,5 cm x 55 cm. Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo. (Detalhe)

Ao estudar aspectos da cultura indígena, no capítulo anterior, você viu que europeus, principalmente os portugueses, chegaram ao território hoje conhecido como Brasil, influenciando a cultura e o modo de vida indígena (e, depois, a constituição da própria cultura brasileira).

Mas como se deu o encontro entre essas culturas tão distintas? E, mais do que isso, por que portugueses e espanhóis chegaram ao Novo Mundo? É o que você vai estudar nesta unidade.

O CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO DOS ESTADOS EUROPEUS

Portugal e Espanha dominaram os mares nos séculos XV e XVI: os dois eram grandes expoentes europeus nesse momento, patrocinando navegadores e exploradores em grandes empreitadas marítimas. Portugal saiu na frente, realizando expedições no começo do século XV. Como tal situação foi possível?

Portugal se organizou como **Estado** unificado em um momento anterior a regiões como França e Inglaterra. Afinal, para que um Estado voltasse sua atenção para as navegações, era preciso garantir que seu território estivesse unificado e centrado na figura de um rei que, efetivamente, fosse uma autoridade para seus súditos, garantindo a paz no reino.

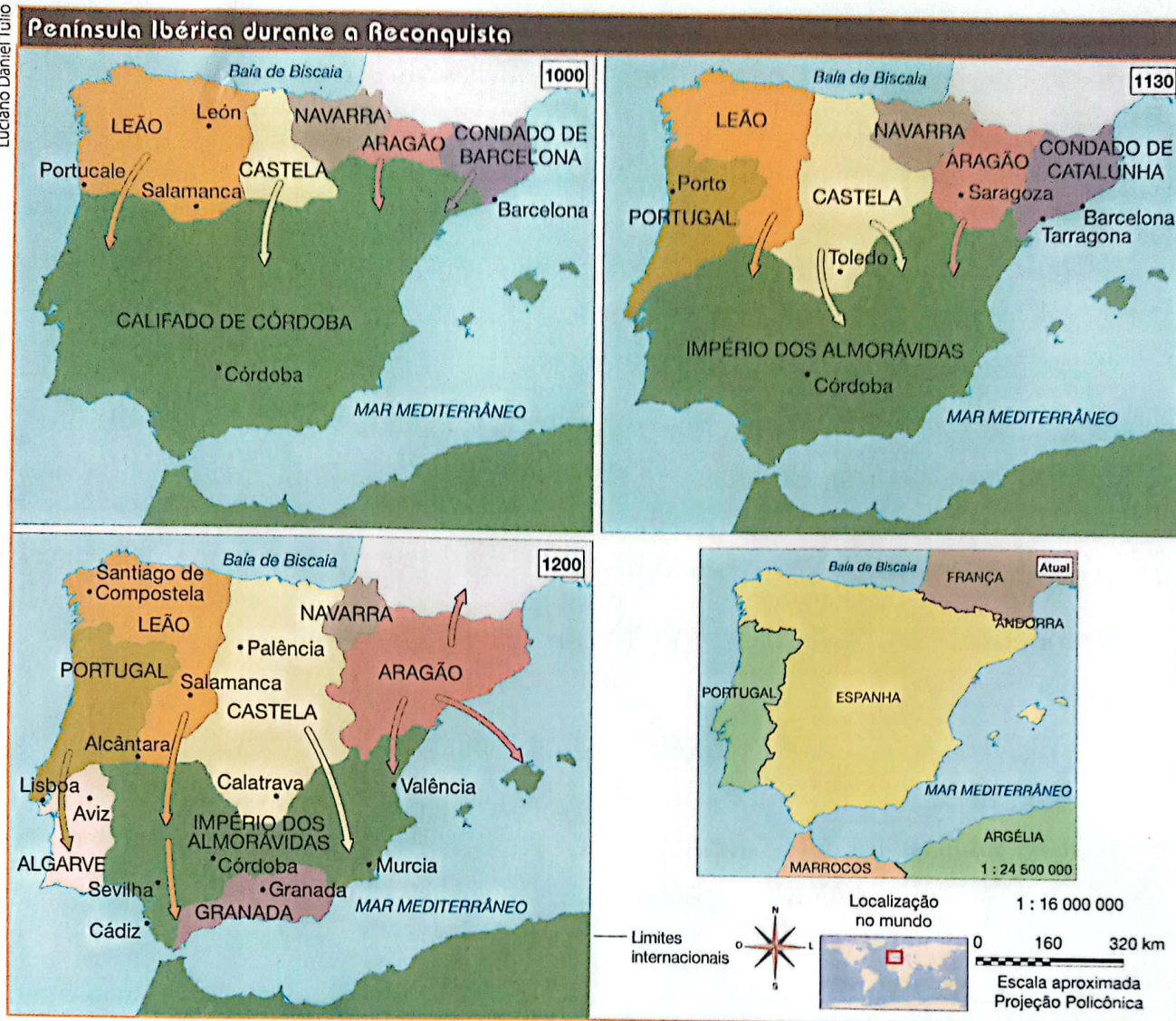
GLOSSÁRIO

Estados: "entidade composta de diversas instituições, de caráter político, que comanda um tipo complexo de organização social. [...] equanto o Estado é uma realidade jurídica, a Nação é uma realidade sociológica [...] o Estado seria a Nação politicamente organizada", de acordo com o **Dicionário de conceitos históricos** (2010, p.116). Os Estados surgidos nesse período, na Europa, foram chamados de Estados Nacionais.

A Península Ibérica, desde o século VIII, fora invadida por árabes de religião muçulmana que habitavam o Norte da África e buscavam novos territórios no continente europeu. A partir do século XI, os reinos da região mobilizaram-se para recuperar esses territórios, em um movimento chamado de Reconquista, liderado por nobres católicos (cujas evoluções você pode acompanhar no mapa).



O califado de Córdoba constituiu a forma da administração islâmica na Península Ibérica durante a permanência dos árabes no território, entre os séculos X e XII da nossa era, em substituição ao Emirado instituído no século VIII por Abderramão. O califado representou uma época de consolidação política da presença árabe na região manifestada no esplendor artístico e cultural que até hoje pode ser admirado na arquitetura de alguns dos prédios mais suntuosos da cidade, como a **Grande Mesquita**. Datada do século X, os arcos do interior dessa mesquita remetem à influência islâmica



Fonte: **ATLAS histórico mundial I**. Madrid: Akal, 2006. Adaptação.

Em 1249, Portugal conseguia sua vitória final e, sob o governo de Afonso Henriques, afirmava-se como o primeiro Estado europeu moderno, diferente de outros Estados, que passaram pelo processo de unificação territorial apenas a partir do século XV.

Ao longo do século XV, os reis de Castela e Aragão uniram seus reinos pelo casamento de Isabel, do reino de Castela e Fernando, que herdou o reino de Aragão. Unidas, as coroas expandiram seus domínios sobre os territórios árabes, formando o atual país da Espanha.

• Os Estados Nacionais

Os Estados Nacionais são caracterizados no plano político pelo absolutismo, e no plano econômico, pelo mercantilismo.

O absolutismo caracterizou-se pela centralização absoluta de todos os poderes do Estado nas mãos do rei, que definia todos os aspectos e rumos do seu Estado e da vida de seus súditos.

A política econômica do absolutismo era o mercantilismo, caracterizado pela forte intervenção dos governantes na condução das atividades econômicas de seus reinos. Essa intervenção tinha um objetivo claro: fortalecer os Estados que se formavam naquele momento, tornando-os mais ricos. Esse enriquecimento seria conquistado por meio:

- da acumulação de metais preciosos – havia a ideia de que a quantidade de metais que um Estado tinha definia sua riqueza, gerando a prática de acumular ouro e prata, o chamado metalismo;
- da balança comercial favorável – os Estados vendiam mais produtos do que compravam, garantindo lucro e a entrada dos metais preciosos – e do protecionismo – adoção de taxas alfandegárias altas para produtos manufaturados e taxas menores para as matérias-primas;
- do incentivo à manufatura (produto que resulta do trabalho manual ou mecânico);
- da colonização – a necessidade de se explorar novas regiões, fornecedoras de matérias-primas e metais preciosos, fez com que os Estados passassem a desenvolver políticas de expansão de seus territórios para regiões situadas além do Oceano Atlântico e, até então, não exploradas.



Os reis de países em formação e expansão, como Portugal e Espanha, concentravam esforços para estimular a descoberta de rotas alternativas para ter acesso a especiarias orientais. Esses produtos – temperos, condimentos e iguarias – eram raros na Europa e, por isso, muito caros

No século XV, os reis de Portugal e Espanha, com o apoio de mercadores, banqueiros e grandes comerciantes, dentro do contexto absolutista e mercantilista, passaram a investir em viagens marítimas. O objetivo era encontrar, por mar, novas rotas marítimas que dessem acesso às ricas regiões do Oriente e da África, e a outras, ainda não conhecidas, que pudessem se constituir como fontes de especiarias, metais e matérias-primas.

POR MARES NUNCA ANTES NAVEGADOS

- 1 A necessidade de mercadores e reis europeus de ampliar suas fontes de metais preciosos e de matérias-primas, aliado ao ímpeto aventureiro de se lançar à conquista de territórios ainda não conhecidos e cristianizados, motivou a expansão marítima europeia e os “descobrimentos” dos séculos XV e XVI.
- 2 Para isso, foi de fundamental importância a exploração do Oceano Atlântico. No início do século XV, a navegação oceânica na Europa ainda estava em seus primórdios, e era uma empreitada que poucos se atreviam a enfrentar. Isso porque, segundo uma antiga concepção astronômica, havia a possibilidade do mundo ser plano e acabar no horizonte.



MUNSTER, Sebastian. Cosmographia. 1544.

O mapa de 1544, do geógrafo alemão Sebastian Munster, ainda apresenta monstros em meio aos continentes

- 3 Naqueles tempos, navegar pelos oceanos, afastando-se da costa, era considerada uma atividade de risco: a disseminação de histórias sobre a suposta existência de monstros marinhos e redemoinhos no “Mar Oceano” ou “Mar Tenebroso” – como mostra a imagem acima – ajudava a dar um clima de insegurança e aventura a esse tipo de empreitada.
- 4 Mas navegar era preciso. Até o final do século XIV, as rotas de acesso aos produtos vindos do Oriente e do Norte da África eram controladas, por terra, por comerciantes árabes. Por mar, o acesso que melhor se conhecia era o Mar Mediterrâneo, em poder de poderosas cidades italianas como Gênova e Veneza.



Fonte: ARRUDA, José Jobson de A. **Atlas histórico básico**. 17. ed. São Paulo: Ática, p. 17. Adaptação.

As cidades italianas de Gênova, Florença e Veneza controlavam as rotas do Mar Mediterrâneo, que tinham como destino o Norte da África e a região da cidade de Constantinopla (atualmente, Istambul, na Turquia). Já as rotas do Mar do Norte eram controladas pelos comerciantes alemães

5) Encontrar outras rotas de acesso às ricas regiões do Oriente, bem como do Norte da África, significava ter acesso aos produtos tão cobiçados pelo comércio europeu, e sem intermediários, o que diminuiria os custos e ampliaria os lucros.

6) Em 1453, os **turco-otomanos** de religião muçulmana tomaram Constantinopla, cidade localizada onde atualmente fica Istambul, capital da Turquia. A cidade, até então cristã, era um entreposto comercial no qual mercadores italianos, principalmente, obtinham especiarias e outros artigos orientais, trazidos por estrangeiros de várias regiões, do Oriente e da África. Os turcos pretendiam fazer de Constantinopla a sede de um império mundial, e passaram a dificultar o acesso europeu às especiarias.

GLOSSÁRIO

Turco-otomanos: eram chamados de turcos os povos originados da Ásia. A denominação otomanos vem de Othman, líder de parte desse grupo.

Esse fato estimulou ainda mais o desenvolvimento de uma política expansionista por parte dos reis de Portugal e Espanha, que tinha por objetivo inicial a conquista de novos territórios comerciais nas Índias (modo genérico como os europeus chamavam certas regiões do Oriente, na época).

Mas não era somente aos reis que a expansão comercial e marítima interessava, como você vê a seguir:

Burguesia financeira

- Formada por cambistas, banqueiros, **usurários**, esse grupo poderia movimentar empréstimos e seguros relacionados às viagens marítimas e aos produtos que elas transportavam.

Igreja Católica

- Queria estender o cristianismo para outras regiões do mundo. Seu poder na Europa estava em decadência devido à multiplicação de **heresias**.

Criminosos e hereges

- A descoberta de novas terras se apresentava como uma nova oportunidade de vida para hereges, condenados pela Igreja, e para os criminosos, condenados ao **degredo** pelo Estado.

Navegadores e cartógrafos

- Interessavam-se em expandir os limites do mundo conhecido e encontrar, em terras distantes, reinos fantásticos, cheios de riquezas e, assim, tornarem-se ricos, famosos e reconhecidos por seus reis.

GLOSSÁRIO

Usurário: aquele que faz empréstimo a juros altos.

Heresias: teoria, prática ou doutrina que questionasse ou contrariasse um dogma da Igreja, isto é, uma verdade revelada, de origem divina e, por isso, considerada absoluta e incontestável.

Degredo: tipo de pena que determinava o afastamento do criminoso, por certo tempo ou por toda a vida, de sua terra natal.

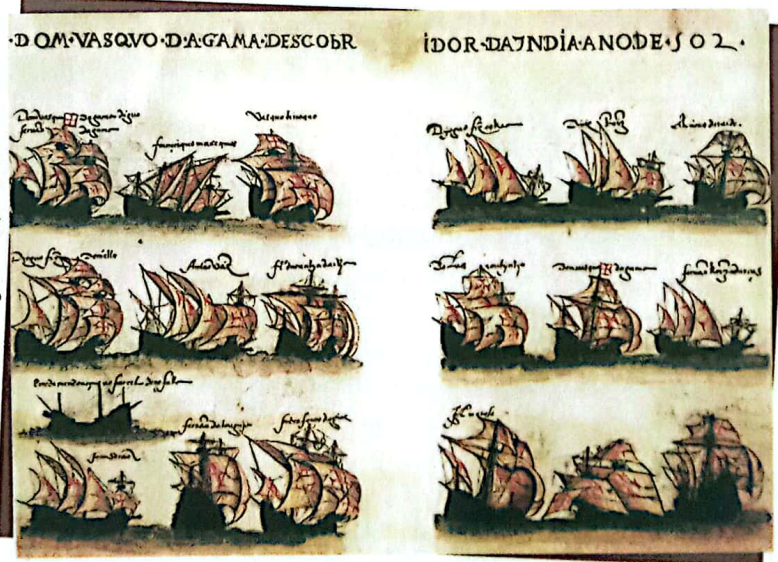
Cartógrafo: cientista que elaborava mapas e estudava os contornos geográficos do planeta.

A partir da análise das informações do quadro, debata com sua turma e responda.

1. Portugal e Espanha eram países oficialmente católicos. Como a Igreja se beneficiaria da expansão comercial e marítima para além da Europa?

2. De que modo as conquistas marítimas atraíam os degredados?

The Morgan Library and Museum/Fotógrafo Desconhecido; The Morgan Library e Museum, Nova Iorque



Desenho de época, representando as caravelas usadas na primeira viagem de Vasco da Gama às Índias, em 1497-1498

Os portugueses saíram na frente

A imagem acima, presente em um livro português datado do século XVI, representa um tipo de embarcação específica (leve e rápida), inventada pelos portugueses no século XV e aperfeiçoada ao longo do século XVI: a caravela.

A função das caravelas era fazer as ligações entre as naus (embarcações mais lentas e pesadas), precedendo as frotas e transportando pequenas quantidades de mercadorias entre elas, diminuindo, assim, as perdas por ocasião de ataques de saqueadores do mar ou em decorrência de naufrágios.

As naus existiam em Portugal desde fins da Idade Média. O seu aperfeiçoamento e o desenvolvimento das caravelas e de outros tipos de embarcações, como os galeões, por exemplo, bem como o estudo de técnicas e instrumentos de navegação, como o astrolábio, a bússola e o quadrante, estão associados ao pioneirismo que colocou Portugal à frente das demais nações europeias na exploração dos oceanos na busca por novas rotas de acesso às Índias.

Ⓐ A partir da dinastia de Avis, iniciada no século XIV, o país experimentou um grande crescimento mercantil e o fortalecimento do clero católico. Esses setores aliaram-se ao rei que, ao contrário de outros países, não enfrentou a oposição forte da nobreza, valorizando-a ao governo e conciliando seus interesses com os de um Estado em expansão.

Essa união foi o fator primordial para o início da expansão marítima portuguesa no Atlântico, que teve início no século XV, sob o reinado do infante D. Henrique (1394-1460) e atingiu seu apogeu sob os reinados de D. Manuel (1469-1521) e de seu filho, D. João III (1502-1557).

•• O expansionismo português na África

Como a viagem em mar aberto era considerada perigosa, em meados do século XV, os portugueses navegavam contornando a costa do continente africano, onde passaram a estabelecer **feitorias** a partir de 1415.

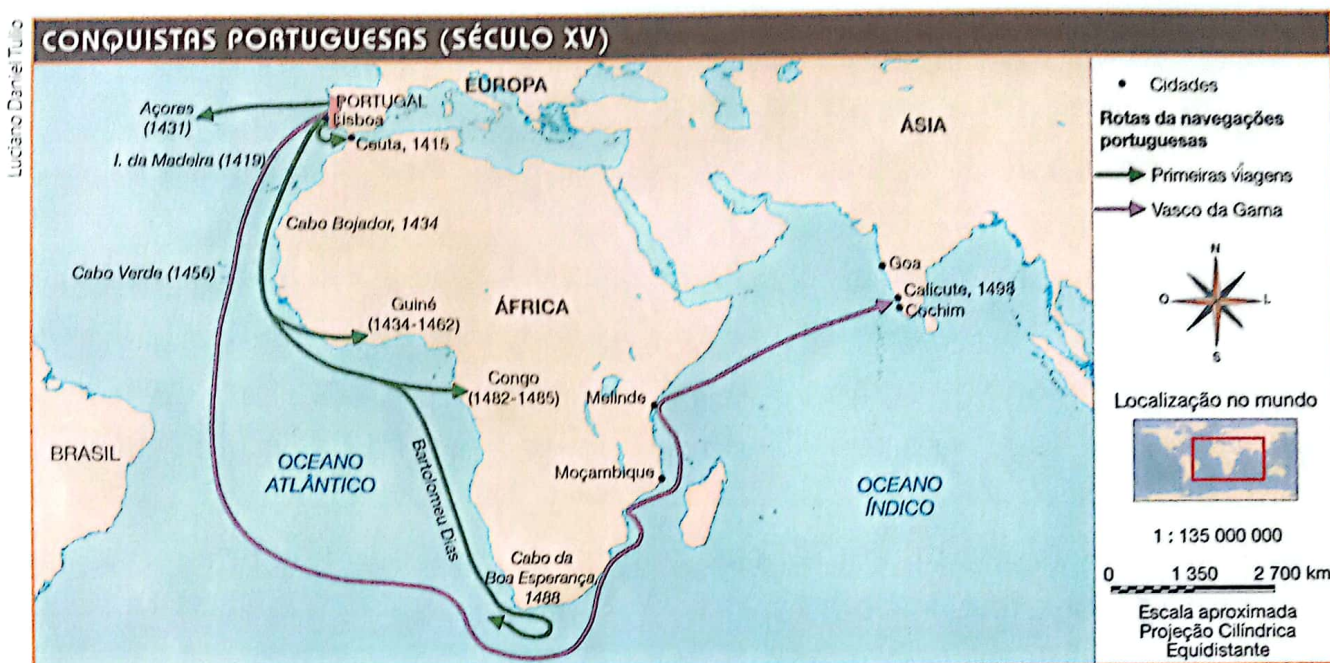
🔗 GLOSSÁRIO 🔗

Feitorias: nas colônias portuguesas, referia-se ao entreposto, ou seja, ao local de comércio em que se guardavam as mercadorias que seguiriam para Portugal.

Ⓐ A primeira região a ser conquistada foi o importante centro comercial de origem islâmica, situado no Norte da África e conhecido como **Ceuta**.

A partir de Ceuta, as expedições marítimas portuguesas se concentraram em explorar, via Oceano Atlântico, uma rota alternativa de acesso ao Oriente. Fizeram isso navegando, inicialmente, pela costa oeste do continente africano.

Em pouco mais de 70 anos, o reino de Portugal havia explorado toda a costa oeste do continente africano, conquistando, além de Ceuta, a ilha da Madeira, em 1419; o arquipélago de Açores, em 1431; o Cabo Bojador, em 1434; a Guiné, entre 1434 e 1462; Cabo Verde, em 1456, e o Congo, entre 1482 e 1485, como você pode observar no mapa.



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Atlas histórico escolar. Rio de Janeiro: Fename, 1977. p. 98. Adaptação.

Em 1488, quando Bartolomeu Dias conseguiu passar pelo extremo sul do continente com sua expedição, dobrando o até então conhecido Cabo das Tormentas, esse acidente geográfico foi rebatizado pelos portugueses e passou a se chamar Cabo da Boa Esperança.

Uma vez transposto o desafio de se contornar a costa oeste e sul do continente africano, o rei português à época, D. Manuel, concentrou esforços para conquistar, via Atlântico Sul e Índico, uma nova rota marítima para a Índia, o que se tornou uma realidade após a longa viagem comandada por Vasco da Gama, que saiu de Portugal com uma frota com 150 homens, em julho 1497.

Seguindo a costa oeste do litoral africano, a expedição comandada por Vasco da Gama contornou o Cabo da Boa Esperança, depois navegou pela costa leste daquele litoral, realizando paradas nas regiões de Moçambique e Melinde até chegar, em 1498, em Calicute, na Índia.

No ano de 1500, uma nova expedição, desta vez comandada por Pedro Álvares Cabral, e que, supostamente, teria também como destino a Índia, desembocou no litoral do que viria, mais tarde, a ser chamado de Brasil.



A partir daquela data, 22 de abril do ano de 1500, a qual os portugueses registraram como a do Descobrimento do Brasil, tinha início o processo de conquista e exploração, pelos portugueses, do território que hoje compõe a maior parte do Brasil. Exploração esta que se arrastaria por três longos séculos.

PENSAR E PRODUZIR

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram sem casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus do mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”

PESSOA, Fernando. **Mar Português**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

O poema narra um evento importante, tanto na história portuguesa quanto na brasileira. Com base no texto, responda às questões abaixo.

a) Pelo nome do poema e pelo que ele descreve, é possível saber qual o evento narrado?

b) Conforme o que foi estudado até o momento, quais consequências você pode destacar desse evento?

c) Por que o autor afirma: "Por te cruzarmos, quantas mães choraram,/Quantos filhos em vão rezaram!/Quantas noivas ficaram sem casar/Para que fosses nosso, ó mar!"?

A exploração marítima portuguesa foi ainda mais longe: além de territórios africanos, de parte da América (onde hoje é o Brasil) e da Índia, os portugueses ainda exploraram regiões do Extremo Oriente, como a China e o Japão.

Os exploradores portugueses entravam em contato com regiões africanas, situadas em ilhas próximas ao continente e ao longo da costa litorânea, se proclamavam "descobridores" desses territórios (que, na verdade, já eram povoados e ocupados há séculos e até milênios por outros povos) e se julgavam no direito de explorá-los economicamente, apropriando-se de suas terras e instituindo nelas atividades que lhes pareciam lucrativas – como a exploração de metais preciosos ou o estabelecimento de grandes lavouras de cana-de-açúcar.

CONTATOS ENTRE PORTUGUESES E ANGOLANOS

capítulo

9

Museu Nacional Marítimo de Greenwich



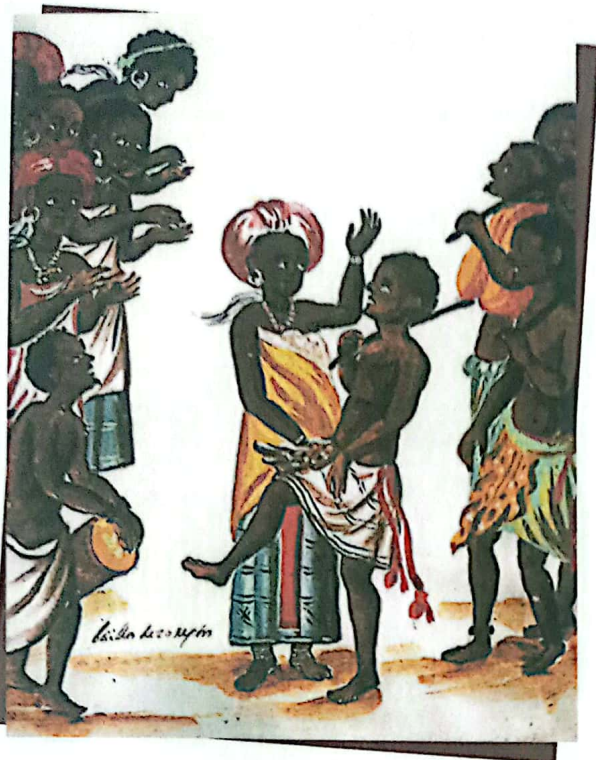
Litografia de época que mostra expedição portuguesa comparecendo perante o rei do Congo, representado no alto

Observe a imagem. É possível saber qual situação ela retrata ou quem são os personagens que aparecem nela?

Há muitos homens no chão, em sinal de respeito e reverência, na direção do homem que está em uma estrutura elevada: com vestes elegantes. Ele é o rei daquele grupo, muito distinto dos demais. O homem ajoelhado diante dele, de barba e roupas destoantes do grupo presente, é um português.

A imagem retrata, assim, o encontro de portugueses com o rei do Congo, na África, no século XV. O fato de o português estar ajoelhado denota a importância deste reinado e o respeito e a confiança que precisavam ser estabelecidos com aquele soberano.

A litografia, assim, aponta para um fato real: em 1482, chegava à costa ocidental da África a primeira expedição europeia ao continente. A serviço do rei de Portugal e comandada pelo explorador Diogo Cão, essa expedição encontrou um reino organizado: o Reino do Congo, que tinha sua sede na cidade de Mbanza Kongo e era um dos mais poderosos da África no período.



Nativos de Angola durante um festejo religioso. Quando os primeiros portugueses chegaram à foz do Rio Congo, encontraram um reino forte e organizado, um dos mais importantes da África Centro-Occidental

O rei do Congo acolheu tanto Diogo Cão quanto sua tripulação e, após isso, teve início um contato intenso entre os dois reinos. O atual país de Angola fazia parte do antigo Reino do Congo.

O Reino de Portugal era um país católico e a Igreja era uma forte aliada do governo. A proximidade entre os dois reinos leva o rei do Congo a assumir um nome cristão. Seu filho não só faz o mesmo, chamando-se então, Afonso, como se converte ao cristianismo.

A capital do seu reino, antes chamada de Mbanza Kongo, passou a se chamar São Salvador.

Os primeiros tempos da aproximação portuguesa

Nos primeiros tempos de sua aproximação, os exploradores a serviço do rei de Portugal procuraram estabelecer relações comerciais com os nativos africanos. Nessa época, o litoral da atual capital de Angola, Luanda, era usado como ponto de passagem para embarcações portuguesas destinadas às Índias.

Observe, no mapa, a localização de Angola e de Luanda:



Fonte: ATLAS geográfico escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Adaptação.

No início do século XVI, esse ponto se tornou permanente e teve início um contato comercial entre a Coroa portuguesa e o Reino do Congo. Ao longo do século XVI, o comércio de bens com os congolenses pareceu pouco lucrativo para os portugueses. Nessa mesma época, os negócios com a exploração de cana-de-açúcar no Brasil começavam a dar grandes lucros.

A **metrópole** portuguesa passou então a estabelecer outro tipo de comércio com Angola: começou a comercializar escravizados com o Reino do Congo. O porto de Luanda transformou-se no maior centro de deportação de populações africanas com destino à escravidão na América, sobretudo, no Brasil.

GLOSSÁRIO

Metrópole: centro de dominação de um sistema colonial, constituído de uma sede de poder e de territórios a ela subordinados. No caso, por exemplo, Portugal era metrópole de regiões da África e do Brasil, territórios então chamados de colônias.

Como o rei de Portugal conseguiu convencer o Reino do Congo a cooperar na empresa de exploração de escravizados que acabou instituindo na África? Para entender essa questão, é preciso considerá-la em um contexto mais amplo: o tráfico atlântico.

PARA PESQUISA

1. Você sabe qual é a diferença entre trabalho escravo e trabalho livre? Pesquise a respeito e registre suas conclusões.

2. Existe trabalho escravo no Brasil atual? Pesquise no *site* do Ministério do Trabalho e Emprego (<www.mte.gov.br>) e justifique a sua resposta.

3. O trabalho escravo existiu, sob diferentes formas, em sociedades antigas. Pesquise duas dessas sociedades e registre sua resposta. A escravidão nessas sociedades era igual à que predominou entre os séculos XVI e XIX?

•• O tráfico atlântico

Tráfico atlântico é a forma como historiadores contemporâneos denominaram a transação econômica que consistia na negociação, captura e **deportação** de indivíduos de regiões da África, que eram parte dos **domínios coloniais portugueses**, para serem vendidos como escravizados na América.

🔗 GLOSSÁRIO 🔗

Deportar: banir para fora de um território.

Domínios coloniais portugueses: conjunto de territórios situados além-mar e subjugados ao poder do rei de Portugal. Esses territórios eram chamados de colônias.

O tráfico atlântico durou do século XVI ao XIX, atingindo seu pico entre 1600 e 1800. Nesse período, estudiosos calculam que aproximadamente 11 milhões de africanos, em sua grande maioria, jovens e em idade produtiva, tenham sido trazidos para a América, oriundos, sobretudo, da África Ocidental e Centro-Occidental.



Fonte: BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história** – cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010, p. 127. Adaptação.

Os africanos trazidos pertenciam, principalmente, a etnias ligadas a dois grandes troncos linguísticos: os *bantos* que, como visto, viviam na região centro-sul da África; e os *sudaneses*, que viviam na região dos Lagos, no litoral oeste do continente. O mapa da página anterior mostra a região de onde provinham esses indivíduos.

•• A escravidão na África antes e depois do tráfico atlântico

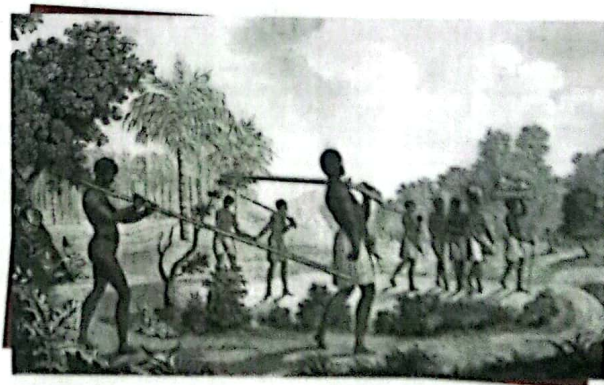
A escravidão já existia na África antes da chegada dos portugueses, entretanto, diferia muito do modelo adotado pelos exploradores europeus: o trabalho era direcionado à produção de artigos para a sobrevivência e não para o lucro. Essa escravidão tinha como função gerar excedentes (sobras) que pudessem ser trocados com comerciantes por produtos considerados raros, tais como ouro, cobre, marfim e sal.

Isso ocorria porque a quantidade de indivíduos era inferior às necessidades de produção e reprodução social. A pequena população, em determinadas comunidades, era um entrave ao fornecimento dos bens necessários a toda comunidade, dificultando a organização e a manutenção de um aparato político, administrativo e militar. Assim, o poder dos reinos, na África, passou a ser associado à capacidade do seu chefe de recrutar populações para as mais diversas funções e de arrecadar tributos entre os indivíduos submetidos.

A submissão favorecia o acúmulo de produtos que atraíam comerciantes e tornavam uma comunidade rica e poderosa perante as demais. Os escravizados eram indivíduos que tinham perdido o direito à liberdade por terem sido capturados em guerras ou por terem sido condenados pelos tribunais locais. Quanto maior fosse a capacidade de um reino de recrutar escravizados, maior o seu poder. Esse processo fazia do escravizado o bem mais desejado entre todos.

A partir do século XV, com a chegada dos colonizadores portugueses à África, esse processo se transformou. Exploradores e negociantes portugueses convenceram o rei do Congo de que vender os cativos aprisionados era um bom negócio, algo que tornaria seu reino ainda mais rico e poderoso. Teve início então um comércio de gente e a escravidão foi transformada em um lucrativo negócio.

Os cativos aprisionados em Angola eram vendidos a atravessadores portugueses que, por sua vez, os revendiam na América, sobretudo para donos de grandes engenhos produtores de açúcar, situados no Nordeste brasileiro.



Angolanos capturados como escravizados. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a região do Congo foi considerada a "mina da escravaria", pois de lá os portugueses traficaram milhões de pessoas para serem vendidas como escravizados em regiões da América, especialmente o Brasil

Com o tempo, ter muitos escravizados no Brasil também passou a ser sinônimo de riqueza e poder, e a procura por eles aumentou significativamente. O rei do Congo passou, então, a intensificar as guerras com reinos vizinhos para assim, aprisionar mais cativos.

A procura por escravizados de origem africana crescia cada vez mais no Brasil e em outras regiões da América (sob domínio da Coroa espanhola). Os traficantes portugueses perceberam que não precisavam mais da intermediação; pois, com suas armas, poderiam avançar mais ao sul e ao leste do continente, capturar e fazer mais prisioneiros sem ter que pagar ao rei do Congo por isso. Então, ainda no século XVI, o Reino de Portugal rompeu relações com o rei do Congo. Os traficantes portugueses agora podiam avançar e capturar seres humanos pelo interior da África sem atravessadores.

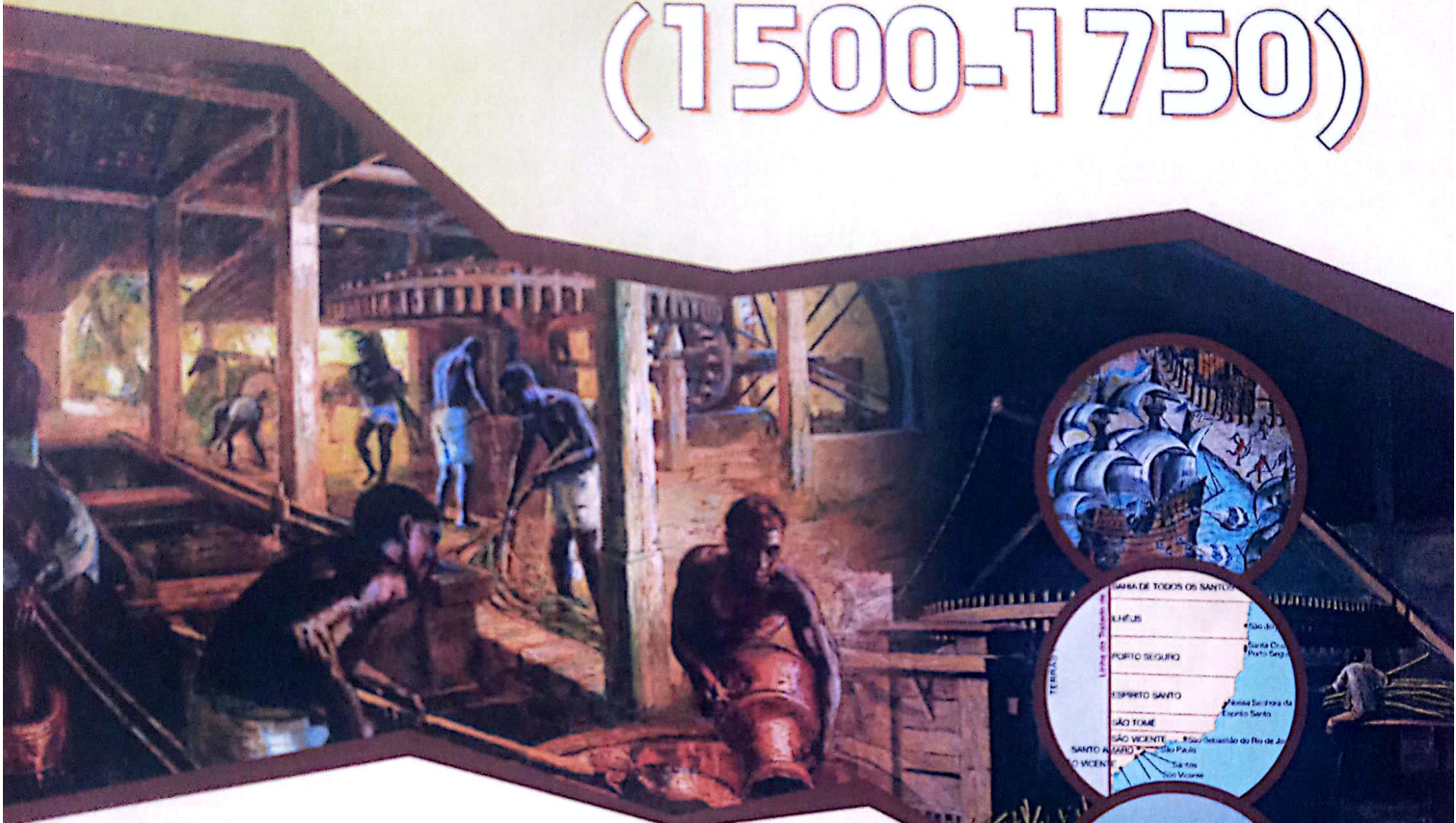
PARA SABER MAIS!

O documento a seguir é uma crônica de época sobre a captura e o aprisionamento de indivíduos oriundos da região da Guiné, na África, por traficantes portugueses. Leia-o com atenção.

No outro dia, que eram oito dias do mês de agosto, muito cedo pela manhã por razão de calma, começaram os mareantes de correger seus batéis e tirar aqueles cativos para os levarem segundo lhe fora mandado; [...]. Mas qual seria o coração, por duro que ser pudesse, que não fosse pungido de piedoso sofrimento, vendo assim aquela campanha? Que uns tiram as caras baixas e os rostos lavados com lágrimas, olhando uns contra os outros; outros estavam gemendo mui dolorosamente, esguardando (observando) a altura dos céus..., bradando altamente como se pedissem socorro ao Pai da natureza; outros feriam seu rosto com suas palmas...; outros faziam suas lamentações em maneira de canto... Mas para seu dó ser mais acrescentado, sobrevieram aqueles que tinham cargo da partilha e começaram de os apartarem uns dos outros, a fim de porem seus quinhões em igualeza; onde convinha de necessidade de se apartarem os filhos dos pais, e as mulheres dos maridos e os irmãos uns dos outros... Quem poderia acabar aquela partição sem mui grande trabalho? Que tanto que os tinham postos em uma parte, os filhos, que viam os pais na outra, alevantavam-se rijamente e iam-se para eles; as mães apertavam os outros filhos nos braços e lançavam-se com eles de bruços, recebendo feridas, com pouca piedade de suas carnes, por não lhe serem tirados!...

GOMES, Eanes de Zurara. Crônica da Guiné. In: FREITAS, Gustavo de. **900 Textos e documentos de História**. Lisboa: Plátano, [197-]. p. 83-84. .

Brasil: terra, trabalho e poder (1500-1750)



Fotos: Museu do Homem do Nordeste / Fotógrafo Desconhecido THOMAZI, Alberto **Engenho do período colonial** século XX, óleo sobre 1 tela, 145 x 115 cm. Museu do Homem do Nordeste, Museu Paulista / Fotógrafo Desconhecido. CALIXTO, Benedito. Moagem de cana no engenho. 16 óleo sobre tela. color. Museu Paulista, São Paulo.

Nesta unidade, você irá estudar sobre o período em que o Brasil foi Colônia de Portugal: problematizar a origem de algumas questões bem conhecidas no presente, como o paradoxo existente em um país que se destaca como um dos principais produtores de alimentos do mundo e que apresenta uma das maiores desigualdades sociais do planeta.

Também serão abordados os conflitos e os deslocamentos populacionais relacionados à atual extensão do território brasileiro e à formação da população, de maneira que você perceba que a história é feita também da tensão entre grupos com interesses opostos e que nem sempre aquele que trabalha na terra e nela produz é o que tem direito sobre ela.

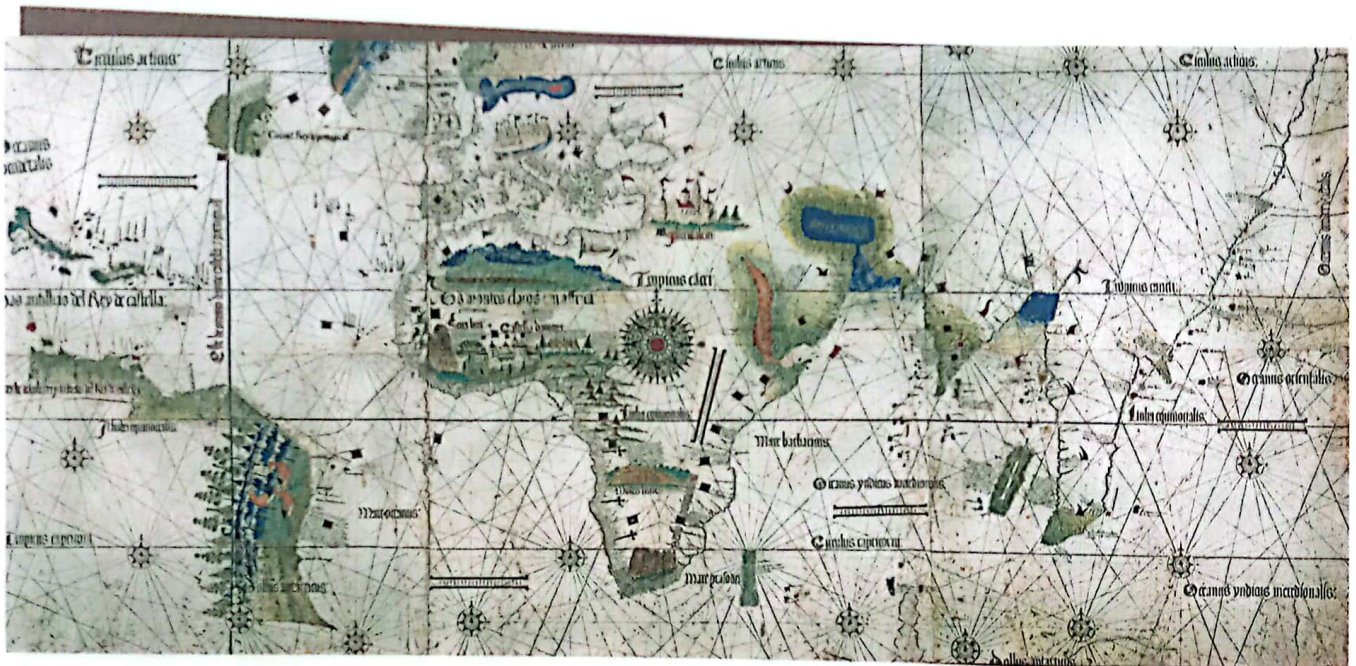


OS PRIMEIROS TEMPOS: A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Antes de chegar ao território que corresponde atualmente ao Brasil, os portugueses aportaram em regiões da África e da Ásia, e lá adotaram estratégias diferentes de ocupação, de acordo com as possibilidades de exploração das riquezas existentes em cada território. E no Brasil, você sabe como foram os primeiros tempos da ocupação portuguesa?

Para começar a responder a essa pergunta, que tal analisar o mapa a seguir? Ele traz algumas pistas sobre que tipo de possibilidades econômicas a Coroa lusitana vislumbrava no Brasil, em 1502.

Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores/Fotógrafo desconhecido
PLANISFÉRIO de Cantino, 1502, 1 pergamino, 105 cm X 220 cm. Mapoteca
do Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro



Planisfério português anônimo, datado de 1502, conhecido como Mapa de Cantino. É o primeiro mapa português em que aparece parte do território que viria a ser chamado de Brasil (à esquerda)

PENSAR E PRODUZIR

1. No documento conhecido como Mapa de Cantino, qual parte do Brasil está sendo representada? Em sua opinião, qual a razão disso?

2. O que significam as bandeiras desenhadas no mapa?

3. Quais elementos naturais aparecem na costa litorânea e no interior da porção do Brasil representada? Em sua opinião, o que isso significa?

• A exploração do pau-brasil

Você percebeu que o mapa aponta, entre outras coisas, a visão inicial que os portugueses tinham do Brasil? Para eles, o território representava uma terra bonita, colorida, dotada de uma flora abundante e de uma fauna exótica, mas sem nenhuma riqueza aparente, que ultrapassasse, naquele momento (1502), os lucros obtidos com o comércio oriental.

O Mapa de Cantino foi feito em uma época em que aconteciam as primeiras expedições portuguesas ao território em que a expedição de Cabral desembarcara poucos anos antes. Essas expedições eram esporádicas e, quase sempre, organizadas e financiadas por particulares a serviço do rei.

PARA SABER MAIS!

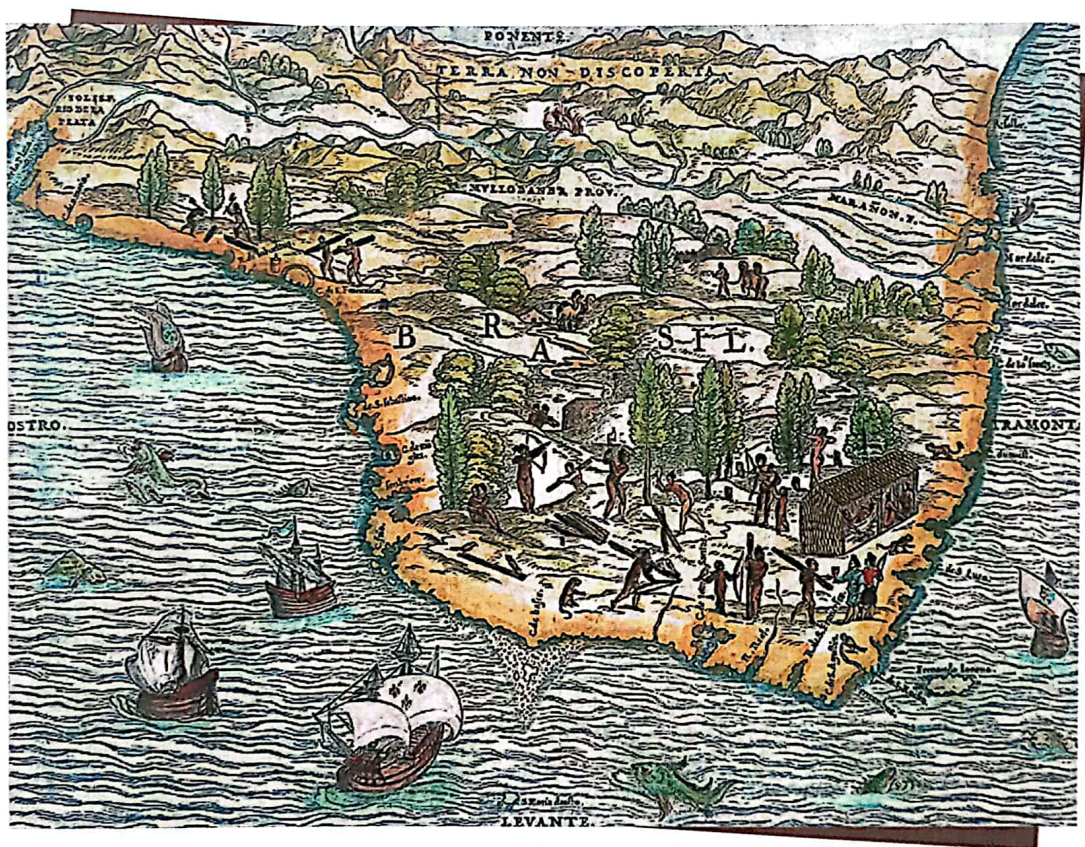
Muitos dos primeiros exploradores que vieram para o Brasil eram ricos comerciantes, alguns deles, judeus supostamente convertidos ao cristianismo para se livrar da perseguição promovida pela Igreja Católica: eram os chamados cristãos-novos. Um dos exploradores mais atuantes nesses primeiros tempos foi Fernando de Noronha (ou de Loronha) que recebeu pelos serviços prestados à Coroa portuguesa aquela que pode ser considerada a primeira capitania brasileira: a antiga ilha de São João da Quaresma, hoje, Fernando de Noronha.

Essas expedições tinham como objetivo delimitar a geografia da nova terra, levantar suas principais potencialidades econômicas e se aproximar de seus habitantes nativos, chamados pelos portugueses de "índios".

Foi nesse contexto que os exploradores perceberam a existência de uma riqueza vegetal: o pau-brasil. Uma árvore que, de tão abundante ao longo da costa, serviu de inspiração inclusive para dar nome à terra.

Antes de se chamar Brasil, o território recebeu outros nomes. Ainda quando se acreditava que fosse uma ilha, foi chamado de Ilha de Vera Cruz; depois, de Terra de Santa Cruz e, finalmente, Brasil. Os primeiros comerciantes, que atuavam na exploração do pau-brasil, começaram a ser conhecidos como brasileiros.

A exploração do pau-brasil começou a ser realizada em 1502, após um contrato efetuado entre a Coroa portuguesa, que arrendava as terras, e comerciantes particulares, responsáveis pelos investimentos necessários à exploração da madeira. Em troca do direito de explorar a terra, os arrendatários teriam que construir feitorias nas regiões que explorassem, para armazenar a madeira e proteger o território, e enviar uma parte dos lucros obtidos ao rei, como imposto.



GASTALDI, Giacomo. 1565. Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP.

Xilogravura de Giacomo Gastaldi, datada de 1565

1. Descreva os elementos materiais e naturais que você consegue perceber nesse mapa.

2. Quais diferenças em relação à representação do Brasil você percebe entre esse mapa e o anterior, conhecido como Mapa de Cantino? Que fatores explicam essas diferenças?

3. Quais diferenças você consegue perceber entre a representação do Brasil, feita por Giacomo Gastaldi, em 1565, e os mapas atuais do país?

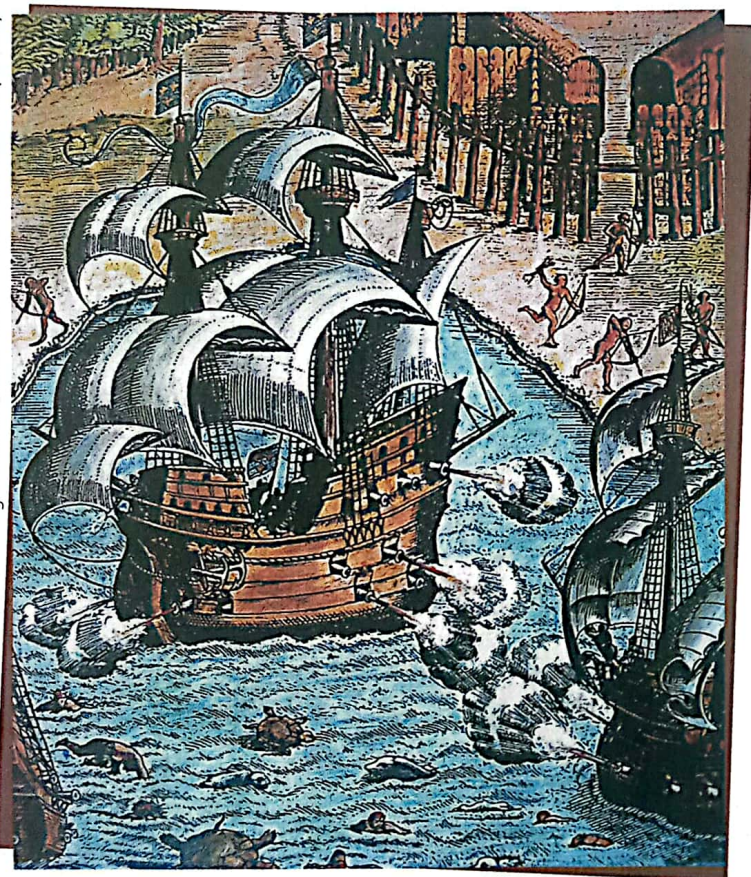
4. Quais os elementos humanos representados na imagem? Que ações eles estão realizando? Em sua opinião, essas ações representam o que acontecia ou o que se esperava que acontecesse no território então explorado pelos portugueses? Justifique sua resposta.

Para convencer os indígenas que viviam ao longo da costa a trabalhar no corte de madeira e na edificação de feitorias, os exploradores trocavam o trabalho por objetos – facas, espelhos e machados (escambo). Para os portugueses, tais coisas tinham pouco valor, mas para os nativos, a substituição de suas facas e machados de pedra por ferramentas de metal fazia diferença. É importante destacar: a troca de presentes e favores, bem como o trabalho coletivo já existiam sob outras formas entre as sociedades tupis. Essa característica foi explorada pelos conquistadores europeus.

• As feitorias e as expedições guarda-costas

Nos primeiros tempos da presença portuguesa no continente americano, a ocupação se deu por feitorias. Em alguns casos, nos seus limites, existiam casas de pau a pique e alguns edifícios públicos. A autoridade máxima era chamada de feitor, escolhido pela Coroa. Boa parte da população da feitoria era composta por militares. Havia também os colonos de origem europeia, na maioria, degredados. Deles esperavam-se atividades de criação de animais e produção de artigos agrícolas de primeira necessidade.

BRY, Théodore de. **Confronto entre portugueses e franceses.** (ca. 1530).
1 gravura. Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. (Detalhe)



A gravura do século XVI representa um combate entre navegadores a serviço da Coroa portuguesa e corsários franceses, na costa litorânea do Brasil

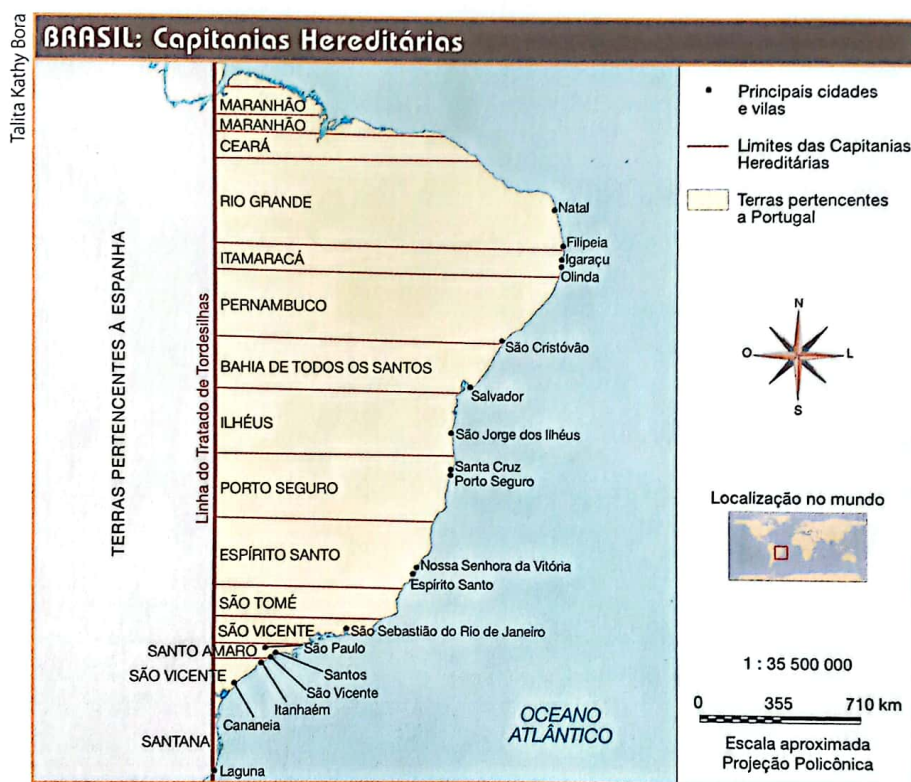
por particulares, que tinham por missão patrulhar e proteger a costa e desenvolver atividades de exploração do território, as chamadas expedições guarda-costas. As duas mais significativas foram comandadas por Cristóvão Jacques, uma em 1516 (até 1519) e outra em 1526 (até 1528).

Essas tentativas não conseguiram fixar núcleos coloniais no Brasil, fundamental para garantir a manutenção das possessões portuguesas. Para agravar a situação para Portugal, os negócios no Oriente, no final dos anos de 1520, começaram a declinar, por causa da concorrência de mercadores de outros países europeus e de comerciantes turcos, que passaram a atuar de forma mais intensa na região.

A COLONIZAÇÃO: DA DIVISÃO E EXPLORAÇÃO DA TERRA À ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Na América espanhola, a conquista do Império dos Astecas por Hernán Cortés, em 1521, revelou que existiam metais preciosos a serem explorados no Novo Mundo. Isso reavivou o interesse português pelo Brasil: afinal, se no México havia ouro, por que não no Brasil? Portugal, então, estimulou a colonização efetiva do nosso país.

A primeira iniciativa nesse aspecto foi o envio de uma poderosa expedição naval, que saiu de Portugal, em 1530, chefiada por Martim Afonso de Sousa e seu irmão, Pero Lopes de Sousa (que conseguiram expulsar os invasores franceses).



Fonte: ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de; REIS, Arthur Cezar Ferreira; CARVALHO, Carlos Delgado de. **Atlas histórico escolar**. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1983. Adaptação.

Enquanto essa expedição estava no Brasil, para promover o povoamento, o rei de Portugal, D. João III, dividiu o território em Capitânicas Hereditárias, divididas em 15 lotes de terra. Estas foram doadas a 12 particulares, ligados à Coroa, que receberam o título de capitães donatários.

•• O sistema de administração por capitânicas

Para compreender o modo como se deu a colonização portuguesa do Brasil, analise o mapa desta página. Observe que a extensão das capitânicas não abrangia todo o território

que atualmente compreende o Brasil: elas iam do litoral até o meridiano de Tordesilhas. Você sabe o que era esse meridiano? Por que limitava o fim das capitanias portuguesas?

PARA PESQUISA

1. Pesquise sobre a origem da linha do Tratado de Tordesilhas e anote o seu significado.

2. Pesquise a configuração política de um mapa atualizado do Brasil e responda: Quais dos nomes dos atuais estados brasileiros tiveram origem nas capitanias?

3. Analise com atenção a charge a seguir. Qual a situação por ela criticada?



DKO Estúdio, 2013. Digital.

Na expedição comandada por Martim e Pero de Sousa, vieram mudas de cana-de-açúcar, exemplares de gado e de outros animais domésticos. Vieram também vários degredados e colonos, constituindo-se no maior empreendimento colonial português, exclusivamente dirigido ao Brasil, até então realizado.

Entre os donatários, não figuravam pessoas da alta nobreza ou do grande comércio, o que mostrava que o empreendimento não era atraente. Eles não eram proprietários das terras que receberam: isso significava que não poderiam vendê-las ou fazer nelas qualquer divisão ou modificação. Apesar disso, tinham plenos poderes nos territórios sob sua responsabilidade, como o de doar **sesmarias**.

GLOSSÁRIO

Sesmarias: no século XIV, para estimular a produção de artigos agrícolas, o rei de Portugal assinou a chamada Lei de Sesmarias, que previa o sorteio de lotes de terras para serem usados por um certo período, por pessoas interessadas em cultivá-los. Se não conseguissem cultivá-los, deveriam devolvê-los ao rei, que fazia novo sorteio.

O ato administrativo de doar sesmarias está na origem da predominância da grande propriedade e da desigual distribuição de terras no Brasil, até os dias de hoje, pois deu origem a vários latifúndios.

1. Considerando a intenção da Coroa portuguesa quanto à doação de sesmarias, qualquer pessoa poderia ser um sesmeiro? Por quê?

2. Pesquise o significado da palavra "latifúndio" e debata com sua turma: Como essa prática, surgida há mais de quatro séculos, se relaciona à forma como está distribuída a terra no Brasil atualmente? Registre suas conclusões.



O projeto de administrar o Brasil por meio das Capitâneas Hereditárias também não prosperou. Veja, no diagrama ao lado, as principais causas desse insucesso.

Em virtude desses e de outros agravantes, só duas capitâneas tiveram êxito econômico: São Vicente e Pernambuco. Em ambas, o cultivo de cana-de-açúcar já havia sido implantado. Ainda assim, as Capitâneas continuaram a existir como unidades administrativas da Colônia até a segunda metade do século XVIII, quando a Metrôpole portuguesa retomou a posse administrativa desses territórios.

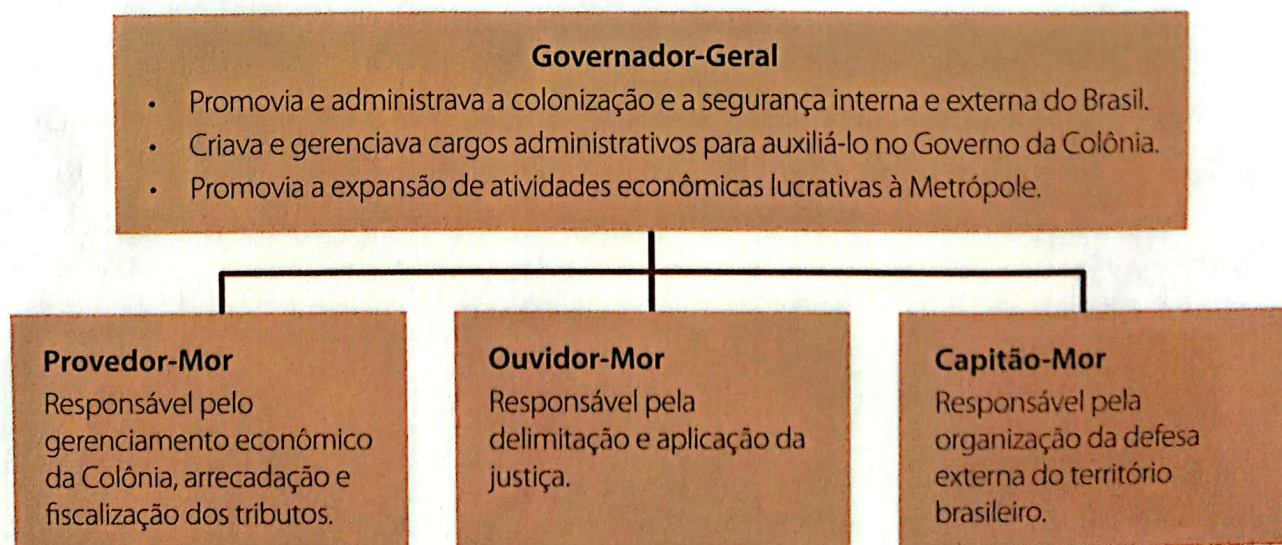


• Centralizando a administração: o Governo-Geral

O sistema mais duradouro da administração portuguesa no Brasil Colonial foi o Governo-Geral, que representou a tentativa metropolitana de governar a Colônia de forma mais direta e eficiente, numa época em que declinavam seus negócios no Oriente.

O Governo-Geral foi estabelecido em 1549, na Bahia (onde foi fundada a cidade de Salvador, projetada para ser a primeira capital do Brasil), e era exercido por um Governador-Geral, o mais alto representante do governo português na Colônia, depois do rei.

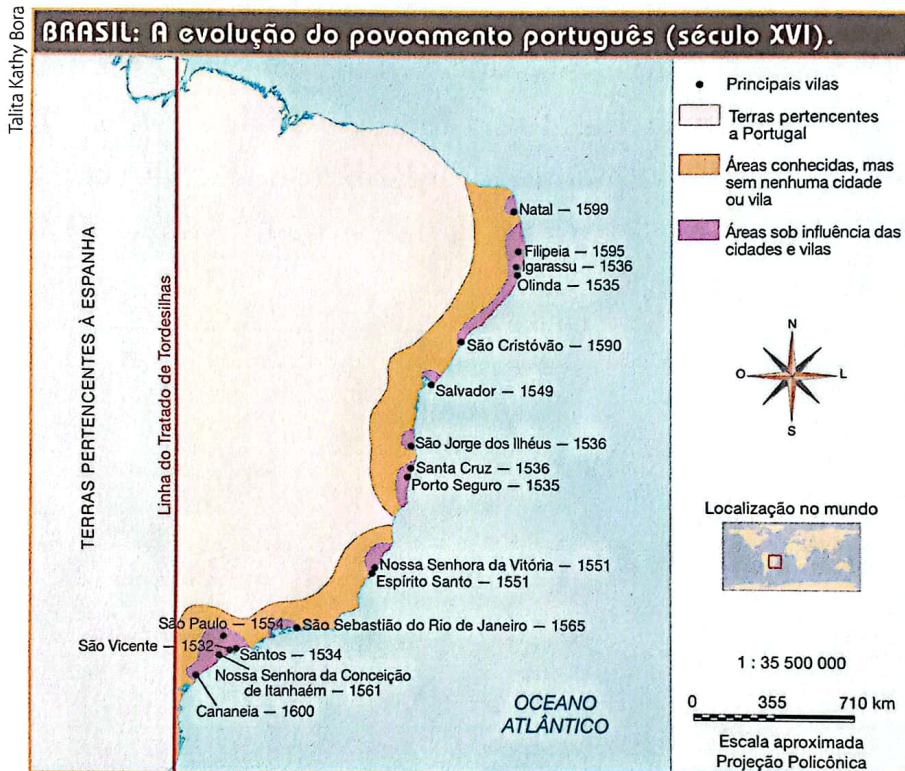
Esse sistema não abolia definitivamente as Capitâneas, mas instituiu uma unidade administrativa portuguesa centralizada na Colônia, criada para coordenar as atividades políticas, econômicas e administrativas coloniais, de modo a atender aos interesses metropolitanos. Além do Governador-Geral, havia um corpo de funcionários para auxiliá-lo:



A instalação do Governo-Geral representou uma atuação mais próxima da administração portuguesa no Brasil e, com isso, um maior desenvolvimento das atividades produtivas e de núcleos de povoamento de origem portuguesa.

PARA SABER MAIS!

Além das vilas oficiais, outros povoadamentos dispersos iam surgindo nas proximidades das grandes propriedades cultivadoras de cana-de-açúcar. Veja, no mapa a seguir, alguns dos principais núcleos surgidos no século XVI:



Fonte: ARRUDA, José Jobson de A. **Atlas histórico básico**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2002. p 36. Adaptação.

1. No século XVI, em quais regiões do país havia o maior número de vilas? Qual a razão disso?

2. Cite cidades que estão entre as mais antigas do Brasil.

1. Pesquise informações sobre as duas cidades mais antigas do seu estado: quando e como foram fundadas, quais as atividades econômicas desenvolvidas na época de sua fundação, os primeiros moradores. Depois, sistematize sua pesquisa em painéis com mapas, desenhos e frases e exponha o conteúdo no mural da escola.
2. Pesquise sobre a história da fundação do município em que você vive: em que contexto se deu seu povoamento, quais as atividades econômicas mais relevantes em seus primeiros tempos, quais foram os primeiros administradores, quais os estabelecimentos comerciais mais antigos e fatos pitorescos relacionados à história da cidade. Organize sua pesquisa e sistematize sua conclusão sob a forma de um texto narrativo no espaço a seguir.



A EMPRESA CANAVIEIRA E A COLONIZAÇÃO

capítulo

12

A cana-de-açúcar foi trazida para o Brasil pelos portugueses há mais de quatro séculos. Adaptada ao clima e ao solo de determinadas regiões do nosso país, hoje é utilizada, entre outras coisas, para a produção de açúcar e álcool. A história do cultivo do açúcar se confunde com a história da colonização portuguesa do Brasil, por isso, você vai conhecer melhor como tudo isso começou.

Pulsar Imagens/Edson Sato



Grande lavoura canavieira na atualidade. O Brasil é, hoje, o maior produtor mundial de cana-de-açúcar. Ibirá-SP, 2012

•• O Pacto Colonial e o plantation

A introdução da cultura canavieira foi a estratégia que a Metrópole portuguesa lançou mão para desenvolver um projeto de colonização do Brasil que se adequasse aos interesses de sua política mercantilista.

Apesar de seu cultivo ter iniciado na antiga Capitania de São Vicente (atual estado de São Paulo), foi no Nordeste do país que se desenvolveu, por causa do clima favorável e do solo propício. E também porque, até meados do século XVII, a presença portuguesa no território brasileiro concentrou-se na região próxima à faixa litorânea, principalmente em razão do Tratado de Tordesilhas.

Com a distribuição de sesmarias e a introdução de mudas de cana-de-açúcar em algumas grandes propriedades, teve início um processo de produção e **beneficiamento** em larga escala do produto, comercializado por Portugal na Europa.

🔍 GLOSSÁRIO 🔍

Beneficiamento: processamento que transforma o caldo de cana em açúcar pronto para ser comercializado.

A produção e o beneficiamento da cana-de-açúcar eram processos onerosos, desenvolvidos em grandes propriedades dotadas de engenhos (nome dado às instalações usadas no beneficiamento do açúcar). Os engenhos eram construídos com peças vindas de Portugal, necessitavam de reparos e de pessoas que dominassem a técnica de seu funcionamento. Tudo isso custava caro.

Nas lavouras e nos engenhos, a mão de obra empregada era a escravizada, que também custava caro, pois eram usados escravizados de origem africana, que, depois de retirados de suas terras de origem pela força das armas, eram vendidos pelos traficantes portugueses, a preços elevados, aos produtores de açúcar

No trabalho realizado nos engenhos, havia também trabalhadores livres, isto é, que recebiam pelo seu trabalho. Entre eles, o mais bem pago era o mestre de açúcar, profissional que conhecia todo o processo de produção do açúcar, e controlava cada uma de suas etapas, para que o produto atingisse a qualidade final esperada.

Com a produção em larga escala da cana-de-açúcar, nasceu um grupo social privilegiado e abastado economicamente, formado pelos senhores de engenho.

TEXTO E CONTEXTO

A cana-de-açúcar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, estendendo-se depois à Bahia e ao Maranhão sua cultura, que onde logrou êxito – medíocre como em São Vicente ou máximo como em Pernambuco, no Recôncavo e no Maranhão – trouxe em consequência uma sociedade e um gênero de vida de tendências mais ou menos aristocráticas e escravocratas. [...] O antagonismo econômico se esboçaria mais tarde entre os homens de maior capital, que podiam suportar os custos da agricultura da cana e da indústria do açúcar, e os menos favorecidos de recursos, obrigados a se espalharem pelos sertões em busca de escravos – espécie de capital vivo – ou a ficarem por lá, como criadores de gado.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 131.

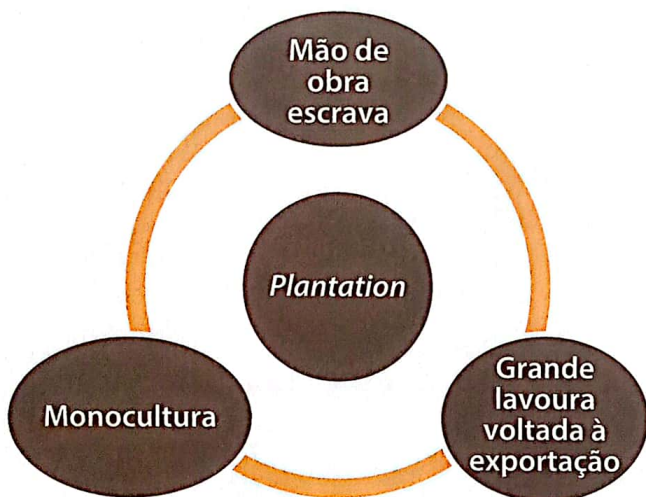
Agora, responda ao que se pede.

1. Segundo o texto, onde a produção de açúcar atingiu seus melhores resultados? Onde ela não foi tão satisfatória?

2. Segundo o autor, qual a alternativa de sobrevivência encontrada pelos colonos, brancos e livres, que não possuíam recursos para investir na produção do açúcar?

3. Em sua opinião, qual o interesse de Portugal em fazer do Brasil um grande produtor de açúcar? Justifique sua resposta.

A produção de um ou poucos produtos, realizada em grandes propriedades, com base no trabalho escravo e direcionada para a exportação. Estes foram os principais pilares da economia colonial em seus primeiros tempos e constituem um modelo conceituado pelos estudiosos como *plantation*.

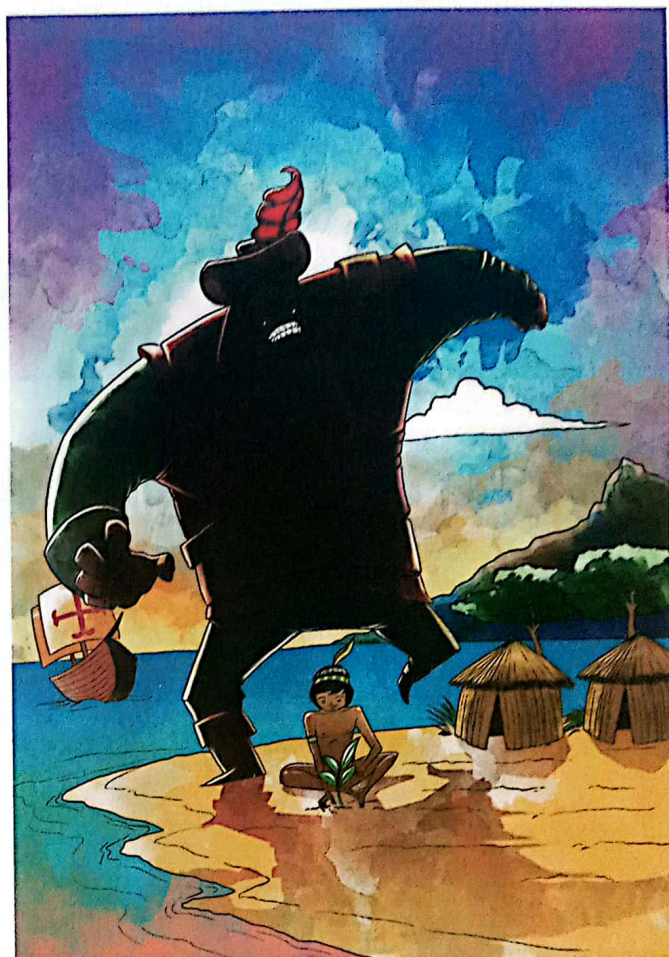


À exceção de uma pequena parte destinada ao consumo interno, o açúcar produzido no Brasil era obrigatoriamente vendido para Portugal. Esse tipo de atividade, direcionada a atender os interesses comerciais de mercadores lusos e da Coroa, caracterizou a economia brasileira nos primeiros séculos de sua colonização, e está relacionada ao **Pacto Colonial**.

GLOSSÁRIO

Pacto Colonial: estipulado pela Metrópole, obrigava a Colônia a fornecer mercado para os produtos metropolitanos, terras para acomodar o excedente da sua população e artigos de que necessitasse. Determinava que a produção colonial deveria ser exclusivamente vendida para a Metrópole que, em troca, oferecia proteção e mercado garantido para os artigos coloniais.

Observe as charges com atenção. Relacione-as com o contexto do Pacto Colonial e do absolutismo e atribua um título para cada uma delas:



DNO Estúdio, 2013. Digital.

•• A empresa canvieira

O modo como era realizada a produção açucareira no Brasil Colonial foi tão complexo e organizado que alguns estudiosos chegaram mesmo a caracterizá-lo como "fábrica" do açúcar ou "empresa" açucareira. Do plantio das mudas ao acondicionamento do açúcar para ser vendido, tudo era realizado nos limites de uma propriedade de engenho, que normalmente congregava a produção e o beneficiamento do produto.

TEXTO E CONTEXTO

Com efeito, a cana não era só plantada como ainda transformada em açúcar no próprio latifúndio. Para tal, existia o engenho, constituído de moenda, caldeira e casa de purgar (onde o açúcar era branqueado). O proprietário que não tinha engenho pagava com metade da colheita para moer no engenho de outrem. Quem arrendava uma terra de um latifundiário tinha o compromisso de moer a cana somente no engenho deste e, obviamente, pagava com a metade da colheita, afora o que era cobrado a título de aluguel. Os grandes latifúndios de cana-de-açúcar compreendiam, além da plantação e do engenho, também a senzala, onde dormiam os negros, a capela, sendo o responsável por ela algo como um feudatário dos latifundiários, e a casa-grande, onde residia o senhor patriarcal, suprema autoridade local e um verdadeiro aristocrata não titulado.

LOPEZ, Luis Roberto. **História do Brasil colonial**. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 35.

1. Pesquise o significado do termo “patriarcal” e responda: Por que o autor utiliza a expressão “senhor patriarcal” para se referir ao senhor de engenho?

2. O que significa a afirmação de que o senhor patriarcal era um aristocrata não titulado?

3. Observe representação de uma propriedade de engenho. Numere os locais de acordo com sua descrição.



Raçonu, 2013. Digital.

1. Senzala – local de moradia dos escravizados. Fechada, não tinha janelas ou divisórias, contando apenas com portas, que eram trancadas para evitar fugas à noite.
2. Moenda – local de fabricação do açúcar, onde a cana-de-açúcar era moída para extração do caldo.
3. Casa-grande – local de moradia do senhor de engenho e sua família. Próxima do engenho e da senzala, contava com varandas e alpendres.
4. Pelourinho – coluna instalada em local público na qual os escravizados eram presos para serem punidos.

Havia também, nas propriedades produtoras de açúcar e dotadas de engenho, plantações destinadas à subsistência dos seus moradores – milho, mandioca e feijão, por exemplo – cultivados por escravizados e pelos trabalhadores livres que viviam na propriedade ou em suas proximidades.

Alguns desses trabalhadores eram empregados nas fazendas como capatazes, feitores ou como funcionários especializados, que conheciam e coordenavam as etapas da técnica da produção do açúcar. Outros trabalhavam como agricultores, cultivando roças de subsistência, destinadas à alimentação dos escravizados. Estes trabalhadores, na maioria brancos ou mestiços, ao contrário dos escravizados, recebiam pelo seu serviço.

Em Pernambuco, na Bahia e em parte do Maranhão, onde a colonização se desenvolveu associada à produção do açúcar, a propriedade de engenho era uma espécie de pequeno mundo.

Nela, o chefe – o senhor de engenho – era o dono das terras, dos escravizados, da produção, de todos os bens materiais e naturais e até das pessoas que viviam em seus domínios, incluindo aí sua família, que lhe era totalmente submissa. Por essa centralização do poder doméstico na figura do pai, estudiosos definem a sociedade de engenho como “sociedade patriarcal” (restrito ao NE).

Mas o poder do senhor de engenho não se restringia ao ambiente doméstico: ele se estendia também à dominação econômica e política das cidades que, pouco a pouco, iam surgindo, nas proximidades das regiões produtoras de açúcar. Ele era, ao mesmo tempo, pai e dono das pessoas e dos bens sob sua posse, e senhor da política local. Isso caracteriza o poder patriarcal.

Nas vilas e cidades, desenvolveu-se uma esfera de administração local, subordinada ao governo da capitania e ao Governo-Geral: eram as Câmaras Municipais, compostas por vereadores e juizes, eleitos entre e pelos proprietários de açúcar, de escravizados e de engenhos. Eles formavam o seletor grupo dos chamados homens bons. Por meio dos cargos que ocupavam nas Câmaras Municipais, poderiam, entre outras coisas, julgar pequenos crimes, como furtos, e decidir sobre obras para a cidade.

PARA LER

MENINO DE ENGENHO

Autor: José Lins do Rego

Editora: José Olímpio

Sinopse: A obra de José Lins do Rego conta a história de Carlos, dos quatro aos 12 anos, e sua vida no engenho. Após a morte de sua mãe, o menino vai morar com seu avô, um senhor de engenho e ali descobre um novo ambiente social.

O texto informa sobre a configuração das Câmaras Municipais e as atribuições dos vereadores durante o período em que o Brasil foi colônia de Portugal. Que diferenças e semelhanças você percebe em relação ao formato dessa instituição – Câmara Municipal – no passado e no presente do Brasil?

[...]

Herdamos as câmaras municipais da legislação lusa e esta instituição passou por transformações de acordo com os traços de cada período histórico. No período colonial, as câmaras foram um dos principais órgãos de controle local. Esta instituição criada pela metrópole portuguesa visava organizar e fiscalizar a administração nas vilas, estando sempre administrativamente submetida ao Governador-Geral da Capitania.

Os cargos da Câmara eram preenchidos por meio de eleições organizadas a cada três anos em que três a quatro vereadores, chamados de edis, eram escolhidos, além de um escrivão, um tesoureiro e um procurador, todos eles “homens bons”. Os elegíveis deviam fazer parte da “nobreza da terra” (proprietários de enraizamento mais antigo na localidade), da milícia e do clero, grupos de onde saíam também os eleitores. Os vereadores ou camarários reuniam-se em média duas vezes por semana, e eram algumas de suas responsabilidades: administrar os bens da vila; organizar policiamento; cobrar multas e arrecadar as rendas locais.

As Câmaras funcionavam como órgãos executivos locais do governo da capitania, exerciam um amplo papel de discussão e decisão sobre assuntos envolvendo a vida dos colonos, além de se colocarem como “elo” entre o povo e as autoridades metropolitanas, locais e reinóis. Possuíam um grande patrimônio formado por terrenos públicos, edificações, terras aforadas e por parte do tributo real, além daqueles tributos de caráter local.

Com tantas atribuições e poder de decidir sobre os acontecimentos locais, as Câmaras acabaram ganhando muita autoridade, pois cabia a elas propor e recusar tributos reais, tratar da elevação das povoações à vila e até denunciar as ações dos governadores ao rei.

SANTANA, Crislane Dias. **As Câmaras Municipais**: instâncias locais de poder. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/educacao/ler.asp?id=136051>>. Acesso em: 2 jan. 2013.